

REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO: O BRASIL AGRÍCOLA MODERNO

Denise Elias

Departamento de Geografia - UEC

RESUMO:

A Região de Ribeirão Preto, composta por mais de 80 municípios à nordeste do Estado de São Paulo foi, no quadro brasileiro, uma das primeiras a ser largamente exposta à produção e às trocas globalizadas das atividades agrícolas. A etapa de desenvolvimento econômico que se inicia em meados do presente século conheceu seu impulso definitivo na década de 70. Com as metamorfoses desencadeadas pela revolução científico-técnica e com as novas formas de produção material e não material por ela apropriadas, a região se transformou num palco de modernizações sucessivas, o que modificou toda sua geografia, dando novo sentido ao seu tempo e ao seu espaço. Uma de suas novas características, é um processo acelerado de urbanização e crescimento urbano, promovidos entre outros, pelas novas relações entre a cidade e o campo, desencadeadas pelas novas necessidades do consumo produtivo da agropecuária moderna.

PALAVRAS-CHAVE:

Meio técnico-científico-informacional, complexo agroindustrial, consumo produtivo, cidade do campo, urbanização corporativa.

ABSTRACT:

The region of Ribeirão Preto, composed of more than 80 cities in the Northern of São Paulo State was, in Brazil, one of the first cities to be largely exposed to global production and exchanges of agricultural activities. The stage of economic development that starts in the beginning of this century knew its definite impulse in the 1970s. Through the metamorphosis provoked by the technical-scientific revolution and through new forms of material and non-material production provided by it, this region has been transformed into a scene of successive modernization, what has changed all its geography, attributing a new sense to its time and to its space. One of its new characteristics is a quick process of urbanization and urban growth, promoted, among other factors, by new relations between city and countryside, provided by the new necessities of productive consumption of modern agriculture.

KEY-WORDS:

Informational-scientific-technical means, agroindustrial complex, productive consumption, countryside city, corporate urbanization.

A Região de Ribeirão Preto (SP) ¹ foi, no quadro brasileiro, uma das primeiras a ser largamente exposta a modernização inerente ao *período técnico-científico*. Desde o primeiro

momento de mecanização do território, a região tem se mostrado um verdadeiro campo de provas para a difusão de inovações, especialmente associadas às novas demandas da produção e das trocas globalizadas das atividades agrícolas. A etapa de desenvolvimento econômico que se inicia em meados do presente século conheceu seu impulso

1 - Consideramos aqui a divisão político-administrativa da Secretaria de Planejamento do Estado de São Paulo, que dividia este estado em 11 regiões administrativas até meados da década de 80, entre as quais a de Ribeirão Preto, composta por 80 municípios a nordeste do Estado de São Paulo. Considerando a divisão utilizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) para a

divulgação dos dados censitários, a Região de Ribeirão Preto seria composta pelas microrregiões homogêneas de Barretos, Serra de Jaboticabal, Ribeirão Preto, Araraquara, Planalto de Franca, Serra de Batatais e Alta Mogiana.

definitivo na década de 70. Desde então, a região tem acumulado progressivamente recursos técnicos e financeiros, aumentando a composição técnica e orgânica de seu território, transformando-se numa das principais manchas de modernização agropecuária do país.

As transformações foram substanciais quanto a forma, o tipo e a intensidade das relações de toda a natureza, metamorfoseando o espaço antigo e criando um novo, no campo e nas cidades, caracterizado pela grande quantidade e diversidade de *fixos artificiais e fluxos* de todos os tipos e intensidades, assim como pelos novos nexos presididos pelas cidades e produzidos tanto no campo, quanto fora da própria Região de Ribeirão Preto. Com as metamorfoses desencadeadas pela revolução científico-técnica e com as novas formas de produção material e não material por ela propiciadas, a região se transformou num palco de modernizações sucessivas, o que modificou toda sua geografia, dando novo sentido ao seu tempo e ao seu espaço. Uma de suas novas características, é um processo acelerado de urbanização e crescimento urbano, promovidos, entre outros, pelas novas relações entre a cidade e o campo, desencadeadas pelas novas necessidades do consumo produtivo da agropecuária moderna.

1 A modernização agropecuária

Na Região de Ribeirão Preto, o processo de modernização agropecuária inerente ao atual sistema temporal foi um dos mais intensos do Brasil em geral e do Estado de São Paulo em particular. A adoção de novos *sistemas técnicos* e de novos *sistemas de ação* (Santos, 1994) aumentou sua produtividade e sua produção, transformando-a numa das principais produtoras agrícolas de São Paulo ² Considerando

2 Se considerarmos a produção média da região e do Estado de São Paulo, no triênio 1979/80 - 1980/81, teríamos a Região de Ribeirão Preto como a principal produtora de soja (62%), assim como de laranja (41%), cana-de-açúcar (40%), milho (25%), amendoim (23%), tendo ainda participação importante na produção de algodão (29%), café (20%) e arroz (18%). No ano de 1983/84 detinha 27% de toda a área agrícola deste Estado, 34% da sua produção e 27% do valor da produção (Seade, 1988, p. 41-42).

ser este Estado o *núcleo do padrão agrário moderno* (Muller, 1985 e 1988), a modernização da atividade agropecuária da região considerada foi uma das mais importantes e complexas de todo o país, atingindo índices de difusão de inovações dificilmente comparáveis aos de outras áreas.

Antes mesmo da generalização do atual período histórico, a região já merecia destaque pelo seu dinamismo econômico propiciado pela produção cafeeira, quando no final do século XIX, firmava-se como a principal produtora do Estado de São Paulo e, conseqüentemente, do país. A acumulação de capital propiciada com o café deu-lhe o dinamismo capaz de vencer a crise do final da década de 20, advinda com a queda internacional do preço deste produto, e de diversificar sua produção, dando lugar ao desenvolvimento de outras culturas, como a de cana-de-açúcar, arroz, milho, feijão, algodão etc.

Desde os anos 60, a região vem conhecendo um processo dinâmico de modernização agrícola, que se intensifica sobremaneira na década posterior, passando por mudanças radicais. Desde então, acumula, progressivamente, recursos técnicos e financeiros, que foram capazes de mudar sua base técnica e organizacional. O uso intensivo de ciência, tecnologia, informação, capital financeiro e industrial foram os principais vetores de sua modernização. As diversas políticas públicas empreendidas pelo Estado federal, sejam inerentes à pesquisa tecnológica, ao crédito agrícola, à implantação de infra-estrutura, entre outras, foram também imprescindíveis ao processo que se sucedeu.

A magnitude do capital constante e financeiro implantado, o elevado grau de acesso às políticas agrícolas, assim como o contingente de força de trabalho, braçal e especializada, que se deslocou para a região deram os sustentáculos de sua modernização, atendendo aos propósitos da burguesia nacional e das grandes holdings que passaram a dominar os setores associados à agropecuária moderna.

A modernização da agropecuária da Região de Ribeirão Preto implicou num processo de utilização intensiva de capital e tecnologia, com intuito de aumentar a intensidade e o ritmo do trabalho e, conseqüentemente, aumentar a velocidade de rotação do capital das principais empresas agrícolas e agroindustriais. Inúmeras pesquisas tecnológicas voltadas para a produção agropecuária, envolvendo vários setores industriais como o químico, o mecânico, o de engenharia

genética, entre outros, desenvolveram uma gama muito grande de novos produtos na tentativa de suprir as deficiências do solo; as doenças das plantas; de conseguir um maior rendimento por hectare; de produzir, no laboratório, sementes mais produtivas; de construir máquinas para irrigar o solo; produzir venenos para as pragas das plantações; vacinas para o gado e uma quantidade incomensurável de outras inovações capazes de diminuir a dependência dos fatores naturais para a realização da produção.

O aspecto tecno-econômico da modernização agropecuária reside na alteração da parte fixa do capital constante, ou dos meios fixos de produção (tratores, arados com tração mecânica, caminhões, colheitadeiras), e na parte circulante do capital constante, ou dos elementos de custeio da produção (fertilizantes, defensivos, antibióticos, carrapaticidas), que passaram a participar de forma cada vez mais pesada na estrutura de custos da agropecuária (Muller, 1990 b, p. 111). Com a introdução destas variáveis à produção da região, processou-se uma contínua renovação das suas forças produtivas.

Com um número muito grande de inovações para a produção agrícola foi possível mudar a base técnica desta atividade, que passa a utilizar, cada vez mais, produtos industrializados como fatores fundamentais para a produção, adaptando-se às necessidades de maior rentabilidade dos capitais investidos no setor. A partir da década de 60 de forma intensiva, grande parte dos insumos utilizados para a realização da produção agropecuária não mais provém do laboratório natural, mas sim da produção social comandada pelo capital industrial, mostrando que, na região, nada mais acontece somente de acordo com as forças da natureza, ou seja, é necessário muito mais do que terra e trabalho para sua realização.

Outra importante característica da modernização da produção agropecuária da região é sua especialização. A rapidez das transformações técnico-econômicas propiciou que, em pouco mais de uma década, sua atividade agropecuária se reorganizasse, especializando-se na produção de algumas poucas culturas, que possibilitam uma maior rentabilidade financeira, assim como uma maior integração com modernas agroindústrias, substituindo a tradicional produção de alimentos pelas matérias-primas agroindustriais, colaborando, assim, para a erosão genética não apenas regional,

mas mundial ³

Processou-se, assim, uma desvinculação crescente da produção agrícola regional do consumo alimentar, uma vez que foi dada prioridade para o atendimento das demandas das agroindústrias, que passaram a constituir o motor principal da agricultura regional, eixo central dos processos emergentes desde então. A cana-de-açúcar e a laranja foram as culturas que mais cresceram em área plantada, em produtividade, que mais absorveram inovações, que receberam crédito agrícola, que mais tiveram a divisão do trabalho aprofundada etc, sendo responsáveis por grande parte da renda total gerada na região, assim como pelas metamorfoses sociais e territoriais nas últimas três décadas ⁴

As agroindústrias altamente capitalizadas e tecnologicamente avançadas, em especial as citrícolas e sucroalcooleiras, mas também as de óleos vegetais, carnes, laticínios, conservas e doces, bebidas, biscoitos, calçados, papel e celulose, etc, emergem concomitantemente à evolução das novas formas de produção e gestão que passam a dominar

3 Segundo Pat Roy Mooneu (1987, p. XXII), desde os primórdios da agricultura, cerca de 500 tipos de vegetais foram cultivados e em mil anos houve redução para 200, dos quais apenas 80 foram comercializados. Atualmente, apenas 20 vegetais são cultivados, representando 90% da dieta humana; desses, o trigo, o arroz e o milho representam mais de 75% do consumo de cereais

4 No início da década de 70, a produção de alimentos ainda ocupava uma parte significativa da área plantada da região, sendo o milho a cultura que ocupava a maior parte desta (28,5%), seguido pela cana (21%), o arroz (13,5%) e o algodão (11%), que ocupavam 74% da área cultivada. Dez anos mais tarde a cana despontava como a mais importante cultura (33%), seguida pela soja (20%), cuja produção era insignificante dez anos antes; a produção de citrus (14,5%) vinha em terceiro lugar e a de café (10%) em quarto lugar em ocupação de área plantada (Toyama, 1982, p. 74).

Desse modo, em 1980, a maior parte da área plantada (67,5%) encontrava-se ocupada com produtos destinados principalmente às agroindústrias: a cana-de-açúcar para a produção de açúcar e álcool combustível; a laranja para a produção de suco concentrado e a soja para o óleo comestível, farelo e rações.

Dados dos Censos Agrícolas (1970 e 1980) indicam que, durante a década de 70, o arroz, o algodão e o milho foram as culturas que mais tiveram suas áreas plantadas diminuídas, respectivamente, 59,5%, 49,5% e 36,5%. Durante a mesma década, a área ocupada com matas e florestas naturais diminuiu 35,5% (ou 87.817 ha)

a agropecuária da região nas últimas três décadas. Desenvolvem-se mantendo inúmeras relações com os demais setores da economia, seja o agropecuário para a obtenção de matéria-prima; o industrial para obtenção de máquinas e equipamentos, conservantes, etc, além de influenciar o desenvolvimento de inúmeras atividades comerciais e de serviços, localizadas não somente na região.

Podemos afirmar que, na Região de Ribeirão Preto, a ênfase ao desenvolvimento econômico voltado para a conquista de mercados internacionais de produtos alimentares industrializados ou semi industrializados acabou criando as condições técnicas e econômicas para uma organização de atividades agrícolas integradas à indústria e, assim, propiciando o desenvolvimento de grande número de atividades industriais modernas, sejam agroindustriais, de insumos para a agricultura ou ainda de máquinas e equipamentos para ambos os setores. O resultado é um significativo volume de produção industrial associado à atividade agropecuária, culminando num processo intenso de fusão ou integração de capitais destes dois setores econômicos, que passam a ser controlados por grandes empresas nacionais e multinacionais.

2 A aceleração da urbanização

O impacto de todas essas transformações econômicas na dinâmica populacional e na estrutura demográfica foi intenso. Concomitantemente a uma verdadeira revolução tecnológica da produção agropecuária e agroindustrial, ocorreu uma revolução demográfica e urbana, marcada por um grande crescimento populacional, principalmente urbano. Em comum com todo o Terceiro Mundo, a região tem apresentado um acelerado processo de urbanização e um notável crescimento urbano.

Uma das características do processo de modernização das atividades agropecuárias na Região de Ribeirão Preto é o desenvolvimento de uma gama muito extensa de novas relações entre o campo e as cidades. Isto se deve à integração crescente destas atividades ao circuito da economia urbana, uma vez que a cidade passa a ser o seu local de realização da regulação da agropecuária.

Isto se dá tanto pelo fato de seus produtos serem cada vez mais entregues aos mercados urbanos para serem processados e consumidos, mas, principalmente, porque a agropecuária

moderna tem o poder de impor especializações territoriais cada vez mais profundas. Dessa forma, as demandas das produções agrícolas e agroindustriais modernas têm o poder de adaptar as cidades próximas às suas principais demandas, convertendo-as no seu laboratório, uma vez que fornecem a grande maioria dos aportes técnicos, financeiros, jurídicos, de mão-de-obra e de todos os demais produtos e serviços necessários a sua realização. Quanto mais modernas se tornam estas atividades, mais urbana se torna sua regulação.

A cada sopro de modernização das forças produtivas agrícolas e agroindustriais, as cidades da região se tornavam responsáveis por responder às demandas crescentes de uma série de novos produtos e serviços, dos híbridos à mão-de-obra especializada, o que fez crescer a urbanização, o tamanho e o número das cidades. As casas de comércio de implementos agrícolas, sementes, grãos, fertilizantes; os escritórios de 'marketing', de consultoria contábil; os centros de pesquisa biotecnológica; as empresas de assistência técnica, de transportes; os serviços do especialista em engenharia genética, veterinária, administração, meteorologia, agronomia, economia, administração pública, entre tantas outras se difundiram por todas as cidades da região. Diante disso, a modernização agropecuária não apenas ampliou e reorganizou a produção material, agrícola e industrial, mas foi determinante para a expansão quantitativa e qualitativa da produção não material.

O resultado é uma grande metamorfose e crescimento da economia urbana das cidades próximas das produções agrícolas modernas, paralelamente ao desenvolvimento de um novo patamar das relações entre cidade e campo, que pode ser vislumbrado mediante os diferentes *circuitos espaciais de produção e círculos de cooperação* (Santos, 1986) que se estabelecem entre estes dois espaços. O crescimento da produção não material é devido ainda ao crescimento populacional e à revolução do consumo, erigida sob os auspícios do consumo de massa, que impõe inúmeras necessidades como se naturais fossem, associadas à existência individual e das famílias.

A Região de Ribeirão Preto é um exemplo importante de que, nas condições brasileiras, os lugares que mais rapidamente responderam aos apelos de uma produção agrícola e agroindustrial globalizadas estão entre os que mais fizeram surgir inúmeras atividades que escapam às classificações

mais tradicionais das atividades econômicas, particularmente do terciário. Nesta região, para melhor entendermos sua urbanização, temos que nos preocupar com a existência das novas atividades comerciais e de serviços, nem sempre disponíveis em forma de estatísticas, mas fundamentais para o reconhecimento da realidade.

Os anos 70 foram de radicais transformações para inúmeras velhas e novas atividades terciárias, com a instalação de muitos novos fixos e, conseqüentemente, a constituição de muitos novos fluxos, de matéria e de informação, seja internamente nas cidades, seja entre as cidades e o campo, seja entre as cidades. A intensificação e especialização da produção aumentou as trocas, assim como as possibilidades de fluxos internamente à região, da mesma forma que possibilitou a maior integração com o território nacional. Nesse processo, intensificaram-se as relações com a cidade de São Paulo, a metrópole mais completa do Brasil (Santos, 1990), assim como com o porto de Santos, por onde escoava grande parte da produção regional.

Com a fluidez possível graças à construção dos modernos *sistemas de engenharia* dos transportes e das comunicações, intensificaram-se as trocas de todas as naturezas, com grandes impactos na vida social e no território, reformulando o sistema urbano antigo. A expansão dos complexos agroindustriais (Muller, 1989) não teve repercussão apenas na estrutura técnica das suas respectivas atividades econômicas, mas causou profundos impactos nas relações sociais de produção, transformando o conjunto de normas e padrões que regulavam tais relações. O resultado é uma nova divisão social e territorial do trabalho, com grandes impactos na estrutura demográfica e do emprego, que culminam com um processo acelerado de urbanização.

O aprofundamento da divisões social e territorial do trabalho agrícola regional, possíveis a partir das condições de instantaneidade e de simultaneidade que se verificam com a revolução tecnológica, fez com que as relações entre as cidades da região se transformassem, aumentando as diferenças entre as mesmas, as quais se tornam cada vez mais distintas umas das outras, muito embora inúmeras características similares existam, dadas pelo processo uníssono que as gerem.

Uma vez que se organizaram para atender às demandas das atividades econômicas, o resultado

é uma total remodelação do território e a organização de um novo sistema urbano, hoje muito mais complexo do que há 30 anos, com uma veloz e incessante substituição do meio natural e do meio técnico pelo meio técnico-científico-informacional (Santos, 1985). Cada vez que o território da Região de Ribeirão Preto era reelaborado para atender à produção dos complexos agroindustriais, superpunham-se novos fixos artificiais sobre a natureza, aumentando a complexidade dos seus sistemas técnicos. O território tornava-se, assim, cada vez mais rígido, mais rugoso, promovendo uma *urbanização corporativa* (Santos, 1993), isto é, empreendida sob o comando dos interesses das grandes firmas. Dessa forma, o conhecimento do processo de expansão do meio técnico-científico-informacional na Região de Ribeirão Preto parece ser, a partir da análise do fenômeno espacial a nível regional, uma das vias de reconhecimento da sociedade e do território brasileiros atuais.

A Região de Ribeirão Preto constitui-se, dessa forma, numa das áreas mais modernas do *Brasil agrícola* (Santos, 1993), com grande desenvolvimento de áreas urbanas, cujos nexos essenciais devem-se às interrelações cada vez maiores criadas no contexto da globalização da produção e do consumo de produtos agrícolas industrializados. A modernização da atividade agrícola e agroindustrial, em especial, redefiniu o consumo do campo, que deixou de ser apenas consumptivo para ser cada vez mais *produtivo* (Santos, 1988), criando demandas até então inexistentes, ampliando o processo de urbanização.

As cidades da região têm, assim, se desenvolvido atreladas às atividades agrícolas e agroindustriais circundantes e dependem, em graus diversos, dessas atividades, cuja produção e consumo se dão, em grande parte, de forma globalizada. No período técnico-científico, as cidades se multiplicaram na região e passaram a desempenhar muitas novas funções, transformando-se em lugar de todas as formas de cooperação erigidas pela produção agrícola e industrial associadas aos complexos agroindustriais hegemônicos, notadamente associados à cana e à laranja.

Na Região de Ribeirão Preto não é apenas a cidade que tem força para receber e emitir numerosos e variados fluxos. Hoje, muitas das atividades realizadas no campo não são mais apenas agrícolas, mas também industriais, uma vez que

parte considerável das agroindústrias se localizam no campo, junto à produção de suas matérias-primas. Essas agroindústrias têm o poder de criar muitas novas relações, próximas e distantes, cujos circuitos espaciais da produção e círculos de cooperação buscam nexos distantes, criando uma gama de novas relações sobre o território, transformando radicalmente as tradicionais relações cidade-campo, sendo que estes dois espaços passam a emitir e receber uma grande quantidade de fluxos de matéria e de informação. O resultado foi uma total reorganização do território regional, urbano e rural, onde se destaca a expansão do meio técnico-científico-informacional no campo e nas cidades.

Tudo isso fez da urbanização da Região de Ribeirão Preto um fenômeno bastante complexo, dado a multiplicidade de variáveis que nela passam a interferir, como a modernização agrícola associada ao setor industrial, com a conseqüente especialização destas produções; o crescimento da produção não material, seja associada ao consumo produtivo ou ao consumo consumptivo; o aumento da quantidade e da qualidade de trabalho intelectual; intenso processo de êxodo rural; a existência do agrícola não rural; a migração descendente, etc. Tudo isso torna inviável considerar apenas as antigas relações cidade-campo, uma vez que até mesmo o urbano é diferente do que havia há 30 anos atrás. A medida que se aprofundava a divisão do trabalho agrícola e agroindustrial, mais intenso e complexo se tornava o processo de urbanização.

A intensa difusão de capital, tecnologia e informação nas atividades econômicas da Região de Ribeirão Preto aumentou a divisão das tarefas e funções produtivas e administrativas. Paralelamente, processou-se uma alteração qualitativa e quantitativa de antigas funções, promovendo grandes transformações no mercado de trabalho regional e na repartição dos empregos, assim como no volume e na distribuição da população na superfície regional, com a ocorrência de um acelerado processo de urbanização e de multiplicação e crescimento das cidades.

3 A Urbanização recente

A Região de Ribeirão Preto faz parte do Brasil agrícola moderno, cuja urbanização se deve diretamente ao crescimento e modernização das atividades agrícolas e agroindustriais. A expansão

destas atividades desenvolveu áreas urbanas de grandes dimensões, cujos vínculos se devem às interrelações, cada vez maiores, entre o campo e as cidades. As cidades se desenvolvem atreladas às atividades agrícolas modernas circundantes e dependem, em graus diversos, dessas atividades, cuja produção e consumo se dão de forma globalizada.

O crescimento do consumo produtivo e consumptivo; as novas possibilidades de instantaneidade e simultaneidade da informação e do capital financeiro; o aumento da demanda de trabalho intelectual; o aprofundamento da divisão social e territorial do trabalho, etc, levaram ao fortalecimento e aumento do número de cidades locais e intermediárias, fazendo avançar a sua urbanização. A medida que a agricultura se modernizava, o número e o tamanho das aglomerações urbanas ficavam maiores.

As novas qualidades do espaço geográfico da Região de Ribeirão Preto, advindas com a expansão do meio técnico-científico-informacional, são tanto causa quanto efeito do processo de modernização científico-técnica da produção agropecuária e agroindustrial. O dinamismo destas atividades se dá, desde então, associado ao circuito superior da economia, gerando a difusão de inúmeros fixos e fluxos, promovendo importantes taxas de crescimento econômico e urbano.

Os dados relativos à população total da Região de Ribeirão Preto nos dão um contingente de 985.617 habitantes em 1950 e de 2.380.010 habitantes em 1991. O crescimento da população foi, assim, superior a 1.394 mil habitantes num período de 40 anos, equivalendo a um percentual de 141,5%. No mesmo período, sua população urbana passou de 384.373 para 2.157.587 habitantes, perfazendo um crescimento de 1.773.214 pessoas vivendo em aglomerações urbanas, ou de 461% se quisermos considerar em termos relativos. Dessa forma, em quatro décadas, enquanto a população total cresceu 2,4 vezes, a população urbana se multiplicou 5,6 vezes, evidenciando um crescimento muito superior da população urbana em relação a população total.

Somente na década de 70, o incremento urbano foi em torno de 50%, equivalendo a cerca de 492 mil novos habitantes. Um crescimento bastante significativo, que pode, num primeiro momento, passar despercebido para a grande maioria dos brasileiros, para os quais o gigantismo

do crescimento vegetativo e dos movimentos migratórios já são dados culturais. Paralelamente, a realidade da Região de Ribeirão Preto mostra ainda uma redução relativa e absoluta da população rural, em benefício da população urbana, outra condição importante da urbanização acelerada. Em meados do presente século, cerca de 601,2 mil pessoas ainda residiam na zona rural da Região de Ribeirão Preto, número que diminuiu para 222,4 mil pessoas em 1991.

População da Região de Ribeirão Preto 1950-1980

Ano	População Total	População Urbana	População Rural
1950	985.617	384.373	601.244
1960	1.204.411	637.518	557.159
1970	1.428.029	1.023.668	404.361
1980	1.796.925	1.515.414	281.511
1991	2.380.010	2.157.587	222.423

Fonte: dados de 1950 e 1960 - Trabalho na Agricultura Paulista, Governo do Estado de São Paulo; 1970, 1980 e 1991 - Censos Demográficos do IBGE.

Variações da População da Região de Ribeirão Preto 1950-1980

Ano	População Total	%
1950-60	218.794	22,20
1960-70	223.618	18,57
1970-80	368.896	25,83
1950-91	1.394.393	141,47

Ano	População Urbana	%
1950-60	253.145	65,85
1960-70	386.150	60,57
1970-80	491.746	48,04
1950-91	1.773.214	461,32

Ano	População Rural	%
1950-60	44.085	7,33
1960-70	152.798	27,42
1970-80	122.850	30,38
1950-91	378.821	63,00

Entre 1950 e 1980, um pouco mais da metade de toda população rural deixou o campo, o que somou um total próximo a 320 mil pessoas. Se considerarmos somente a década de 70, a que registrou os maiores índices de crescimento da economia, com uma difusão sucessiva de inúmeras inovações, reorganizando a produção e o espaço agrícola e urbano da região, cerca de 123 mil pessoas, ou 30% da população rural, deixaram de residir no campo, engrossando o contingente de urbanos. Em alguns municípios, o campo se esvaziou quase completamente, passando a ter um número muito pequeno de população residente, ficando ainda mais livre à difusão científico-técnica e ao aumento da composição orgânica do território, o que permitiu o aumento da produtividade e do valor da terra.

A taxa de urbanização da região era de 39% em 1950, tendo alcançado um índice superior a 90% em 1991, ocorrendo mais do que uma inversão da relação entre população urbana e rural: se em 1950, 61% da população regional ainda viviam no campo, nele residiam menos de 10% em 1991.

Os números supracitados deixam evidenciar, se comparados aos do Brasil, que o ritmo de urbanização da região foi ainda mais veloz do que o do país, sabidamente de grande velocidade. Poderíamos usar o estudo de Francisco Vera e Eliseu Alves (1985), que fizeram um paralelo entre a urbanização dos Estados Unidos e do Brasil e chegaram à conclusão que no primeiro país, foram necessários cem anos para que o percentual de urbanização se elevasse de 30% para 70%, enquanto no Brasil, o mesmo ocorreu em aproximadamente 40 anos, entre 1940 a 1980.

A Região de Ribeirão Preto precisou de apenas 30 anos, de 1940 a 1970, para passar de um índice a outro. A urbanização galopante ocorrida no região fez com que sua taxa de urbanização, em 1980, já estivesse entre as maiores do Estado de São Paulo, de longe um dos mais urbanizados do país⁵. Em 1980, dos 80 municípios que formavam a região considerada, 69 possuíam a população urbana superior à população rural, sendo que em 1950 a relação era de 59 para 5 municípios.

5 Somente a Região Metropolitana de São Paulo, a Região Administrativa do Litoral e a Região Administrativa do Vale do Paraíba apresentavam índices superiores, que eram de, respectivamente, 96,78%, 92,85% e 86,91%, para o ano de 1980 (Fonte: Seade, Informe Demográfico n 1, 1982).

A formação de importantes complexos agroindustriais fez crescer o número e o tamanho das cidades, generalizando-se a urbanização do território e da sociedade. A modernização tecnológica da produção agropecuária, geradora de inúmeras novas demandas, teve forte impacto no espaço, acelerando não somente a urbanização⁶ mas também multiplicando o número de cidades, como meio mais eficaz para satisfazer suas necessidades de produtos e serviços especializados. Em 1940, a região possuía 48 cidades, contra as 80 cidades existentes em 1980 e as 85 em 1993.

Desde a década de 70, a urbanização da Região de Ribeirão Preto mostra uma tendência à aglomeração da população e da urbanização, com um importante crescimento do número de cidades locais, aqui consideradas como as que possuem mais de 20 mil habitantes. Em 1940, apenas quatro cidades atingiam este patamar populacional, número que chega a 16 cidades em 1980 e a 25 em 1991.

Taxas de Urbanização (%)

Ano	Região de Rib. Preto	Brasil
1940	32,1	31,2
1950	39,0	36,1
1960	53,7	44,6
1970	71,7	55,9
1980	84,3	67,5
1991	90,6	77,0

Região de Ribeirão Preto - Número de Cidades

1940	48
1950	59
1960	72
1970	80
1980	80
1993	85

Região de Ribeirão Preto - Número de Cidades com mais de 20 mil Habitantes

1940	4
1950	5
1960	6
1970	9
1980	16
1991	25

6 A chamada urbanização da sociedade foi o resultado da difusão, na sociedade, de variáveis e nexos relativos à modernidade do presente, com reflexos na cidade. A urbanização do território é a difusão mais ampla no espaço

Considerações finais

A Região de Ribeirão Preto é uma das principais representantes do Brasil agrícola moderno e um dos exemplos mais importantes de que o processo de inovações científico-técnicas na produção agropecuária desenvolve formas novas de desenvolvimento urbano, cujos vínculos principais associam-se diretamente aos sistemas técnicos e de ações que passam a dominar as atividades agropecuárias.

As cidades da região se desenvolvem atreladas às atividades agrícolas circundantes e dependem, em graus diversos, destas atividades, cuja produção e consumo se globalizam. Com o processo de modernização agropecuária e agroindustrial, as cidades passam a realizar todo o tipo de regulação necessária a sua concretização, seja técnica, financeira, de mão-de-obra, jurídica, permitindo a participação da região no novo sistema alimentar globalizado.

Nas últimas três décadas, a região de Ribeirão Preto tem se mostrado altamente permeável ao novo, difundindo rapidamente inúmeras inovações tecnológicas, adaptando-se rapidamente às novas demandas da produção e das trocas globalizadas, notadamente no tocante à atividade agropecuária e agroindustrial.

A etapa de desenvolvimento econômico que se inicia no período técnico-científico conhece seu impulso definitivo na década de 70. Desde então, a região tem acumulado progressivamente recursos técnicos e financeiros, aumentando a composição técnica e orgânica de seu território, que adquire grande fluidez, transformando-se numa das principais manchas de modernização agropecuária do país, não somente difundindo inovações, como também com poder de produzir novas tecnologias, novas formas organizacionais, ocupacionais e espaciais.

A evolução das forças produtivas atuantes na atividade agropecuária possibilitou uma radical transformação de seus sistemas técnicos, que se acompanhou de mudanças radicais nos seus sistemas de ações. Os insumos naturais e o trabalho

das variáveis e dos nexos modernos. Trata-se, na verdade, de metáforas, pois o urbano também mudou de figura e as diferenças atuais entre a cidade e o campo são diversas das que reconhecíamos há alguns poucos decênios. (M. Santos, A Urbanização Brasileira, 1993, p. 125).

do homem foram largamente substituídos pelos insumos industriais, que possibilitaram o aumento da produção e da produtividade da terra. Por outro lado, especializou-se na produção de culturas voltadas às demandas de modernas agroindústrias, especialmente cana e laranja, respectivamente, para a produção de açúcar, álcool combustível e suco concentrado de laranja.

Com a introdução da ciência, da tecnologia e da informação à produção agropecuária e agroindustrial, processou-se uma contínua renovação de suas forças produtivas, que passaram a responder com velocidade às necessidades colocadas pelos agentes econômicos hegemônicos do setor, refletindo numa interrelação crescente com as demais atividades econômicas.

As transformações foram substanciais quanto à forma, ao tipo e à intensidade das relações de todas as naturezas, transformando o espaço antigo e criando um novo, no campo e na cidade, caracterizado pela grande quantidade e diversidade de fixos e fluxos, assim como pelos novos nexos presididos pelas cidades e produzidos tanto no campo, quanto fora da região. Com as metamorfoses desencadeadas pela modernização agropecuária, a expansão dos complexos agroindustriais e de novas formas de produção não material, a região se transformou num palco de modernizações sucessivas, dando novas formas e funções ao espaço geográfico.

A expansão do meio técnico-científico-informacional, na cidade e no campo, a aceleração da urbanização e o crescimento numérico e territorial das cidades foram, em termos espaciais, os impactos mais contundentes do processo de modernização da atividade agropecuária e da organização dos complexos agroindustriais, motor principal das transformações, já que só se realizam integradas ao circuito da economia urbana. Destacariamos, assim, a organização das *cidades do campo*, que se organizam de forma corporativa, em função das demandas destas atividades, assim como as agroindústrias como aglutinadoras de circuitos espaciais de produção e círculos de cooperação que unem campo e cidade num processo uníssono de produção.

Os setores industriais associados à transformação da cana e da laranja exercem a hegemonia na região. São estes ramos da agroindústria que mais têm provocado a difusão de fixos e fluxos, respondendo por parte muito

significativa do dinamismo econômico, social e pela expansão do meio técnico-científico-informacional. São motor de inúmeras outras atividades em todos os demais setores econômicos, assim como responsáveis por um processo corporativo de organização do espaço, uma vez que tanto os espaços agrícolas quanto os urbanos são organizados de acordo com seus interesses.

O que se deu na região foi a construção de um lugar propício ao exercício de capitais hegemônicos. Sua adaptação progressiva e eficiente aos interesses destes capitais, especialmente associados à modernização da produção agrícola e agroindustrial, vincularam-na à globalização do sistema alimentar, transformando-a numa das áreas agrícolas que mais têm desenvolvido a urbanização e cidades de vários tamanhos.

A urbanização tem se dado de forma aglomerada e concentrada, avolumando-se com o êxodo rural, a migração descendente, com a expansão da produção não material, com o trabalhador agrícola não rural, com a nova divisão social e territorial do trabalho na região, entre outros.

A Região de Ribeirão Preto é um dos exemplos brasileiros mais importantes de que o processo de modernização da agricultura desenvolveu formas novas de organização espacial. Com o patamar de integração interna e com o resto do país, possibilitado com a construção de estradas vicinais, rodovias e toda sorte de um numeroso conjunto de sistemas de engenharia, chegou-se a uma qualidade superior de seu sistema urbano. Hoje, a *espessura do sistema espacial* (M.Santos, 1993 a, p. 125) da região é muito maior do que há 20 ou 30 anos atrás, exatamente pela expansão da ciência, tecnologia e informação, que criou as condições para a maior divisão social e territorial do trabalho e maior solidariedade organizacional, culminando em grandes mudanças na hierarquia entre as cidades que a compõem.

A modernização tecnológica da sua produção agropecuária demonstra que partes do campo brasileiro acolheram e difundiram rapidamente grande quantidade de novos capitais. A evolução das forças produtivas, assim como as transformações das formas de organização do trabalho e do emprego foram intensas e acabaram por promover mudanças substanciais à produção do território da área pesquisada, resultando uma nova organização espacial, com estrutura, função e forma distintas dos períodos anteriores.

A modernização da produção agropecuária não provocou mudanças apenas no espaço rural da região, visto que foi determinante para o desenvolvimento dos demais setores econômicos, seja o industrial, comercial ou o de serviços, tanto públicos quanto privados. A economia urbana cresceu paralelamente à modernização da agricultura, respondendo com presteza às suas necessidades.

A expansão do meio técnico-científico-informacional foi necessária para que fosse estabelecida a solidariedade organizacional entre as organizações hegemônicas que passaram a gerir as principais produções da região, uma vez que oferece os meios para a coesão entre as empresas. A globalização da produção agrícola da região pressupõe a existência da segunda natureza, cada vez mais artificial. O espaço inteligente/luminoso hoje existente é, assim, tanto causa quanto consequência do processo de globalização, pré-condição e resultado, capaz de oferecer os meios técnico-espaciais para a produção e o consumo globalizados.

Dessa forma, poderíamos afirmar que a Região de Ribeirão Preto passou por um processo acelerado de globalização de sua economia e de seu espaço, com grande difusão das variáveis inerentes ao período técnico-científico, promovendo um processo intenso de urbanização, que se mostra caótico uma vez que as cidades são organizadas para servir aos interesses das grandes empresas que

compõem o circuito superior da economia agrícola e agroindustrial.

As cidades passam a ter sua unidade devido principalmente à interrelação com o campo, com as atividades agrícolas e agroindustriais, sendo campo e cidade participantes de uma mesma corrente de relações uníssonas, desenvolvendo-se inúmeros circuitos espaciais da produção e círculos de cooperação entre estes dois espaços. Na região considerada, as atividades agrícolas e agroindustriais modernas têm o poder de comando da vida econômica e social das cidades e do sistema urbano, o que faz com que cada cidade se organize com a feição do seu campo, aumentando, dessa forma, a distinção entre as cidades, considerando que cada cultura agrícola, cada indústria tem necessidades específicas em momentos determinados.

A expansão dos *sistemas de engenharia* dos transportes, das comunicações, da eletrificação e de toda sorte de infra-estrutura urbana deu-se com grande velocidade e de forma complexa na Região de Ribeirão Preto. O resultado foi o aumento da composição orgânica e técnica deste território, com crescente substituição do meio natural e do meio técnico pelo *meio técnico-científico-informacional*, facilitando a penetração do novo e do externo e a difusão de nexos técnicos e econômicos mais complexos, geridos por uma cooperação estranha à história local, que desde então aumenta sua conexão com *circuitos espaciais de produção e círculos de cooperação* distantes da organização regional.

Bibliografia

- ELIAS, Denise. *Meio técnico-científico-informacional e urbanização na Região de Ribeirão Preto*. Tese de doutorado, Depto de Geografia - FFLCH / USP, 1996.
- _____. "Expansão do Meio Técnico-Científico-Informacional" in: *Ensaio de Geografia Contemporânea Milton Santos: Obra Revisitada*. SP, Hucitec, 1996 (p. 210-219).
- FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS. "População Urbana e Rural do Estado de São Paulo: Resultados do Censo de 1980" e "Evolução da População Urbana e Rural nas 11 Regiões Administrativas do Estado de São Paulo, 1940-70" SP, Seade, *Informe Demográfico nº 1*, 1983 (Reimpressão).
- _____. *Características gerais do processo de industrialização paulista*. São Paulo, Seade, 1988.
- MOONEY, Pat Roy. *O escândalo das sementes: O domínio na produção de alimentos*. SP, Nobel, 1987.
- MULLER, Geraldo. *A Dinâmica da agricultura paulista*. SP, Seade, 1985 (Série SP 1980, v. 2).
- _____. "O Núcleo do Padrão Agrário Moderno" *SP em perspectiva*, 2(4): 50-56, SP, Seade, out/dez 1988.

- _____. *Complexo agroindustrial e modernização agrária*. SP, Hucitec: Educ, 1989 (Estudos Rurais; 10).
- _____. "Emprego, Renda e Capitalização: Diagnóstico e Tendências da Dinâmica Agrária Paulista" *rascunho*, Araraquara-Unesp/FLC, nº 10, 1990.
- SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo, Hucitec, 1982.
- _____. *Espaço e método*. SP, Nobel, 1985.
- SANTOS, Milton e SOUZA, Maria Adélia A. (org). *A construção do espaço*. São Paulo, Nobel, 1986.
- _____. "A Região Concentrada e os Circuitos Produtivos" Texto apresentado como parte do relatório de pesquisa do projeto 'O Centro Nacional: Crise Mundial e Redefinição da Região Polarizada', 1986 (datilografado).
- _____. *Metamorfoses do espaço habitado. Fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*. SP, Hucitec, 1988 (coleção Geografia: Teoria e Realidade, série Linha de Frente).
- _____. "A metrópole: modernização, involução e segmentação" Comunicação ao *Simpósio "Trends and challenges of urban restructuring"*, ISA IUPERJ, Rio de Janeiro, 26 a 30 de setembro de 1988(c) (datilografado, 12 pag).
- _____. *A urbanização brasileira*. São Paulo, Hucitec, 1993(a).
- _____. *Técnica, espaço, tempo. Globalização e meio técnico-científico-informacional*. São Paulo, Editora Hucitec, 1994(b).
- TOYAMA, Nelson Kazaki. *Crescimento agrícola e emprego: Caso da região de Ribeirão Preto nos anos 70*. Dissertação de Mestrado, FEA-USP, 1982.
- VERA, Francisco e Eliseu Alves. "Urbanização Desafio à produtividade agrícola" *Conjuntura*, v.39 (3), março de 1985, p. 159-167